

Marcus Alexandre Mendes de Andrade

RADIOGRAFIA DO PODER

**Uma biografia dos ocupantes do
poder no Brasil
(Partes I e II)**

2020

*A todos aqueles que ficaram de fora dos círculos decisórios do poder
e foram pisoteados pelos poderosos.*

INTRODUÇÃO

A ideia que inspirou este livro foi inicialmente os 60 anos de Brasília, comemorados no dia 21 de abril de 2020. São 60 anos de história do poder oficial, de tramas e decisões impactantes, de acertos gloriosos e de erros tremendos. No começo, era pra ser um estudo biográfico dos presidentes da República.

No entanto, achou-se melhor ampliar o leque de possibilidades deste estudo e voltar um pouco no tempo para conhecer o perfil de todos aqueles que, desde a invasão dos portugueses em 1500, de alguma forma comandaram o país.

Sem a pretensão de ser um livro de estudo aprofundado e sistemático sobre os líderes do Brasil, o mais importante aqui é traçar algumas características básicas e pinçar algumas informações importantes para um conhecimento inicial sobre eles, incentivando o leitor para que, através de muitos outros meios, possa fazer suas pesquisas e adentrar este mundo tão complexo dos donos do poder.

PARTE I
REIS E RAINHAS DO BRASIL
COLONIAL

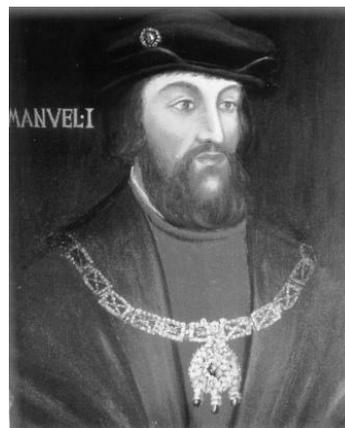
CAPÍTULO I

PODEROSOS NO BRASIL COLONIAL: DINASTIA DE AVIS



1.1. Manuel I, o Venturoso (1469-1521): rei de 1495 a 1521

O rei Dom Manuel nasceu em Alcochete, perto de Lisboa, no ano 1469. Era o filho mais novo de Dom Fernando (1433-1470) e de Dona Beatriz (1430-1506), neto paterno do rei Dom Duarte (1391-1438), mas não diretamente um herdeiro do trono, já que seu pai não era o primogênito.



Dom Manuel ascendeu ao trono português em 1495, como o 5º rei da dinastia de Avis e o 14º rei de Portugal. Na esperança de garantir sua sucessão e estreitar as alianças políticas, logo se casou. Em 1497, contraiu núpcias com a Princesa Isabel de Aragão e Castela (1470-1498), filha dos reis Fernando de Aragão (1452-1516) e Isabel de Castela (1451-1504), os chamados Reis Católicos da Espanha. Deste casamento, teve apenas um filho, Miguel da Paz (1498-1500).

Um ano depois do casamento, em 1498, Dom Manuel e Isabel foram sagrados reis de Castela e de Aragão, devido à morte do príncipe herdeiro, o irmão mais velho de Isabel. No entanto, neste mesmo ano, a própria Isabel veio a falecer, durante o parto de seu filho, o que levou Dom Manuel a abandonar a pretensão aos reinos vizinhos.

Viúvo, casou-se em 1500 com sua cunhada, a irmã de Isabel. Com a nova esposa, Maria (1482-1517), teve oito filhos, dentre os quais dois de seus sucessores, João III (1502-1557) e Henrique I (1512-1580). Os demais filhos do casal foram: Isabel (1503-1539), Beatriz (1504-1538), Luís (1506-1555), Fernando (1507-1534), Afonso (1509-1540) e Duarte (1515-1540).

Novamente viúvo, casou-se em segredo, em 1518, com Leonor da Áustria (1498-1558), que tinha apenas 20 anos, e teve com ela uma única filha, Maria (1521-1577). O casamento teve que ser em segredo porque Leonor, que era irmã do Imperador Carlos V (1500-1558), estava prometida a seu filho primogênito.

O tempo em que Dom Manuel passou no trono foi um tempo glorioso para Portugal, especialmente por causa das grandes navegações, que possibilitaram ao pequeno reino português se estender por quase todo o globo terrestre.

A começar pelo Oriente, fonte de riquezas incontáveis, especialmente por causa de suas especiarias, até a Groenlândia, o Canadá e o Brasil, passando pela África, por todo canto Portugal estendeu seus domínios. Tantas colônias e tantos entrepostos comerciais fizeram com que Portugal se enriquecesse e se tornasse uma grande potência no início da Modernidade. E, obviamente, tudo isso engrandeceu o governo e a biografia de Dom Manuel.

Em 1497, no reinado de D. Manuel, Vasco da Gama partiu de Lisboa para a grande aventura da descoberta do caminho marítimo para a Índia, contornando a África. Dois anos

depois, a frota retornava carregada de especiarias. Para consolidar o domínio português no Oriente, D. Manuel enviava todos os anos uma armada à Índia, e para poder impor a presença portuguesa, mandou D. Francisco de Almeida para a Índia como vice-rei, tentando manter o monopólio da navegação e do Comércio português naquela região. No reinado de D. Manuel várias outras importantes viagens foram realizadas, entre elas a de João Fernandes *Labrador* que chegou à península canadense que recebeu seu nome, a de Gaspar Corte Real que descobriu a *Groenlândia* e a de Pedro Álvares Cabral que descobriu o *Brasil*. (FRAZÃO, 2020a).

Todas estas conquistas portuguesas muito incentivaram o comércio na Europa, especialmente por causa do domínio dos muçulmanos no Mar Mediterrâneo, o que muito dificultava a passagem de viajantes.

Conhecendo novas rotas e firmando domínios, Portugal fez com que todos os lados do mundo se comunicassem e interagissem. Tais conquistas foram todas elas aprovadas e referendadas pela Igreja Católica, que via, em tais avanços, uma forma de estender seu domínio religioso e (por que não?) político e econômico. Da mesma forma, a Espanha, com quem Portugal tinha uma relação muito complexa, às vezes próxima e às vezes conflitante, também reconheceu todos os domínios portugueses, reservando para si outras partes do mundo.

Para consolidar ainda mais seu domínio nas Índias mandou para lá um delegado seu com o título de vice-rei, garantindo a posse portuguesa sobre a região e o domínio sobre o comércio de especiarias.

Com tantas riquezas provindas das navegações e do comércio, Dom Manuel pôde se fortalecer no poder, ganhar para si o apoio da nobreza e da burguesia nascente e ainda reestruturar a administração do reino. Para tanto, introduzindo Portugal de vez no

mercantilismo, mandou cunhar moedas, unificou normativas e fortaleceu as leis comerciais.

Pensando na unificação do reino e nas alianças que precisavam ser feitas com povos vizinhos, reforçou os títulos nobiliárquicos, garantindo ainda mais o apoio das elites do país, e decretou que os judeus precisavam se adequar aos novos tempos: ou se convertiam ao catolicismo, o que agradava a Espanha e a Igreja, ou deviam abandonar o reino.

Ainda para agradar a Igreja e especificamente o Papa Leão X (1475-1521), Dom Manuel, em 1514, mandou-lhe inúmeros presentes vindos das colônias e das terras ocupadas por Portugal. Além das joias e das riquezas minerais, alguns presentes ofertados ao Papa ficaram célebres, como, por exemplo, um cavalo persa, um elefante indiano que tinha muitas habilidades e acabou se tornando mascote do Papa, e um rinoceronte, que morreu a caminho do Vaticano.

Como um rei absolutista, Dom Manuel não pensava duas vezes antes de administrar com mãos de ferro e tomar decisões sem muita consulta às cortes, convocadas apenas três vezes nos mais de 25 anos de seu governo. Uma das medidas tomadas na perspectiva da centralização do poder foi a revisão de toda a legislação, cuja compilação ficou conhecida como “Ordenações Manuelinas”, de 1512. Além disso, com o advento da imprensa, pôde publicar e divulgar as leis para todos os rincões de Portugal e de suas colônias, obrigando os juízes a aplicarem as leis de acordo com a Coroa e não de acordo com sua conveniência pessoal ou legislação própria. Inclusive, estes juízes, chamados de juízes de fora, passaram a ser emissários da própria Coroa e controlados por corregedores externos.

Por outro lado, para agradar a população, Dom Manuel reformou e arregimentou a rede de caridade do país, formada por cerca de 500 instituições, dentre as quais 200 hospitais. Da mesma forma, também motivado por seu espírito religioso, construiu várias igrejas, mosteiros e monumentos. Assim, garantia a aprovação popular, o apoio dos súditos e o beneplácito da Igreja.

Dentre suas principais construções estão o Mosteiro dos Jerônimos, onde o próprio Dom Manuel e vários outros monarcas foram enterrados, e a Torre de Belém, de onde partiam as caravelas em busca de riqueza e de domínios. Todas estas obras foram construídas no que se convencionou chamar de estilo manuelino, ou seja, com explícitas referências à monarquia e bem carregado de símbolos cristãos, naturais e da cultura popular, com grandes construções no formato de salão e teto da mesma altura, suspenso por colunas.

A própria construção do Paço da Ribeira, em Lisboa, e a reforma da cidade são sinais de sua visão progressista como governante. Saindo de um castelo distante da população, Dom Manuel instalou-se no meio da cidade, perto de seus súditos. Lisboa, a capital, tornou-se, a partir de suas reformas, uma cidade de grandes construções que atraíam o olhar dos admiradores de arquitetura da época.

A edificação do Paço da Ribeira, em Lisboa (logo mimetizada pelo seu sobrinho, o duque de Bragança, em Vila Viçosa) é um dos melhores sinais da ruptura com hábitos antigos, na medida em que representa o momento em que o monarca deixa de se colocar sob a proteção de um castelo altaneiro para passar a residir no meio do casario. As profundas reformas urbanísticas realizadas em várias cidades do reino, mas especialmente em Lisboa, são um testemunho do espírito modernizador do monarca, que deu forma ao Terreiro do Paço construindo uma galeria que ligava o palácio ao rio, seguindo um modelo já experimentado, por exemplo, em Veneza, e que também era adotado pouco

depois pela monarquia francesa, como podemos apreciar hoje em Blois ou em Fontainebleau. (COSTA, 2020).

Do ponto de vista da educação, reformou os estatutos educacionais, criando novos programas e bolsas de estudo, especialmente entre 1500 e 1504. Deste desenvolvimento educacional, surgiram o “Cancioneiro geral”, em 1516, e a importante obra de Gil Vicente (1465-1536).

Como homem e monarca filho do Renascimento, Dom Manuel sobressaiu dentre todos os reis do seu tempo, especialmente sendo capaz de, sem sair de Portugal, comandar seus súditos em expedições prodigiosas, receber as láureas das suas descobertas e ainda ser louvado e aplaudido como se as façanhas fossem feitas por ele mesmo.

Dom Manuel I nasceu e cresceu neste ambiente de mudança acelerada da sua civilização, em que tradições centenárias eram desafiadas pelas novidades. Tendo subido ao trono de Portugal, inesperadamente, a 25 de Outubro de 1495, o Venturoso tornou-se um dos protagonistas do Renascimento. Monarca apegado à velha ideia de Cruzada, foi, todavia, o primeiro soberano europeu que não comandou a sua hoste num campo de batalha e foi o primeiro rei do mundo a ter homens às suas ordens em quatro continentes e três oceanos. (COSTA, 2020).

1.2. João III, o Piedoso (1502-1557): Rei de 1521 a 1557

O rei Dom João nasceu em Lisboa, em 1502, como o primogênito do casamento de Dom Manuel (1469-1521) com Maria de Aragão e Castela (1482-1517).



O nascimento do príncipe foi anunciado em festa. Gil Vicente fez-se representar na câmara da rainha para saudar o herdeiro da Coroa recitando